

Weird sisters: adaptação shakespeariana e sua fixação no polissistema cultural ocidental

Lucas Demingos de Oliveira*
Elaine Barros Indrusiak**

Resumo: Partindo de uma abordagem dos fenômenos adaptativos como essencialmente tradutórios e, nesse sentido, análogos à própria compreensão (Steiner, 1975), o presente trabalho destaca a interdependência e interpenetração de textos em diferentes linguagens e sistemas semióticos e, em última instância, seu impacto sobre os polissistemas culturais e literários (Even-Zohar, 2010). Demonstra-se, assim, que a própria natureza dos polissistemas literários é intrinsecamente convergente e transmidiática (Jenkins, 2006). A partir de uma abordagem sistêmica e tomando tais conceitos por aporte teórico, este trabalho tem como objeto de estudo a representação personificada do Destino por meio das Weird Sisters, ou As Três Bruxas, da peça *Macbeth*, de William Shakespeare (1623), a qual adapta a figura clássica das Moiras, divindades que tecem o destino. Sendo ele próprio um comparatista *avant la lettre*, uma vez que boa parte de seus enredos e personagens são apropriações de textos anteriores, Shakespeare configura-se como catalisador dessa nova representação do Destino personificado. Dada a relevância e centralidade do texto shakespeariano no cânone literário ocidental, no entanto, essa representação teatral firma-se, ela própria, como a imagem canônica e como corporificação do arquétipo da divindade tripla. Ao sedimentar e universalizar tal caracterização, o texto shakespeariano empresta a essas descendentes das Moiras um aspecto sinistro, diferentemente daquele registrado em representações plásticas clássicas, bem como um tom de parcialidade em relação à humanidade, contrastando com a imparcialidade das divindades na mitologia clássica. Uma vez consolidado no texto shakespeariano, esse processo adaptativo seria, posterior e paulatinamente, transposto para o cinema, onde se fixa a representação visual do arquétipo em associação com a imagem de bruxas.

Palavras-chave: Shakespeare, Moiras, Weird Sisters, Polissistemas, Adaptação.

Abstract: The present work is part of the research project The Impact of Film Adaptations in Literary Polysystems, which aims to demonstrate the relevance and impact of adaptations on cultural and literary polysystems (Even-Zohar, 2010). Stemming from an approach to the adaptive phenomena as essentially translational and, in this sense, similar to comprehension itself (Steiner, 1975), the research highlights the interdependence and interpenetration of texts of different natures and codes. As a result, the research demonstrates that the nature of literary polysystems is intrinsically convergent and transmedia (Jenkins, 2006). The following work is part of the research project The Impact of Based on a systemic approach and partially supported by the same theoretical support, this paper has as object of study Destiny's anthropomorphic representation through the Weird Sisters, also known as the Three Witches, from Shakespeare's *Macbeth* (1623), which adapts the classic Moirae figure, deities who weave men's destinies. A comparatist *avant la lettre*, since great part of his plots and characters appropriate from previous texts, Shakespeare works as a catalyst in a new anthropomorphic representation of Destiny. Given the relevance and centrality of the Shakespearean text within the Western canon, however, this theatrical representation consolidates itself as the canonical image of the triple deity archetype. While consolidating and widely scattering this characterization, the Shakespearean text adds to these descendants of the Moirae sinister features, unlike those registered in classic representations, as well as a note of partiality in relation to humanity, contrasting with the classic deities' impartiality.

*Graduando em Letras Licenciatura em Língua Alemã e Literaturas de Língua Alemã, UFRGS

**Professora Doutora no curso de Letras, UFRGS.

Having been solidified in the Shakespearean text, this adaptive process would later be gradually transposed to cinema, where it establishes itself as the archetypal visual representation in association with the image of witches.

Key-words: Shakespeare, Moirae, Weird Sisters, Polissystems, Adaptation.

Introdução

A representação antropomórfica do Destino vem sendo passada de cultura a cultura através dos séculos, formando uma das bases das crenças ocidentais. Podendo ser chamadas de Norns pelos germanos e escandinavos, Moirae pelos gregos, Parcae pelos romanos, ou mesmo assumindo funções não tão estritamente ligadas ao destino, mas à vida e à morte, esta divindade tripla é uma figura recorrente que se transformou ao longo dos milênios, em parte devido à transformação da sociedade ocidental de matriarcal para patriarcal, mudança esta que Hauser (2003) aponta ter ocorrido há milênios, assim como à revitalização necessária para a sobrevivência de um texto. (BENJAMIN, 1970))

Partindo do texto de *Macbeth*, de William Shakespeare (1623), o qual apresenta, logo no primeiro ato, as Three Witches como velhas de aparência macabra e doentia e que, principalmente, caracterizam-se por um tom parcial perante a humanidade, decidindo destinos com base em motivos pessoais e questionáveis, foi realizado um breve mapeamento diacrônico comparando tal caracterização com outras representações de ampla circulação nas artes decorativas, no teatro, na literatura e no cinema. Assim, através desse levantamento, certamente não exaustivo, percebe-se que adaptação da figura das Moiras realizada por Shakespeare parece ter consolidado e universalizado uma nova representação personificada do destino na cultura ocidental.

Aporte teórico

Mudanças na representação de personagens ou mesmo em um imaginário vinculado a determinado texto podem ser estudadas de diversas formas e a partir de abordagens teóricas distintas. Utilizando como aporte teórico a Teoria dos Polissistemas, esta pesquisa inicialmente realizou um levantamento diacrônico das representações personificadas do Destino presentes em textos de diversas mídias de ampla circulação. A escolha deste aporte teórico se deu por fornecer as ferramentas estruturais que nos permitem mapear sistemas literários e culturais de maneira objetiva e sem juízos de valor. A mudança em um repertório, neste caso, como o destino é representado, parte do princípio de que há tensão entre o texto que se encontra no centro do sistema, o canônico, e o que se encontra na periferia, longe do centro, desse sistema, o não-canônico. Para Even-Zohar (2010), essa tensão é o que mantém um sistema funcionando. A renovação de um repertório, de um modelo a ser utilizado como padrão, seguida de sua cristalização, é essencial para a sobrevivência de um sistema. É possível, a partir desta lógica, compreender que embora a representação do Destino através das Moiras na mitologia grega seja a representação canônica em dado momento histórico, ela não apenas pode, e foi, diacronicamente substituída por um texto que estava na periferia do sistema.

Para a etapa na qual foram identificados, na obra de Shakespeare, os trechos representativos da adaptação do arquétipo da divindade tripla, assim como as nuances da caracterização centrada nas Weird Sisters em relação às representações anteriores foi necessário compreender, primeiramente, conceitos de adaptação e apropriação. Com base em Sanders (2006), para se apreciar completamente uma reformulação ou reescrita de um texto, é necessário perceber os pontos de intersecção e divergências entre um texto-fonte e o texto-alvo. Percebe-se, também, que mitos, contos de fada e folclore têm, como uma de suas propriedades, a tendência a reaparecer em diversas culturas sob roupagens diferentes, o que,

mesmo antes da consolidação dos estudos de adaptação, já fora criteriosamente investigado por estudiosos de diversas áreas, como Joseph Campbell em sua obra seminal *O Poder do Mito*. Além disso, Sanders também faz referência ao contexto histórico-cultural de Shakespeare e à prática de adaptação e apropriação contemporânea a ele, o que veio ao encontro da proposta da presente pesquisa, o que será mais detidamente elaborado posteriormente.

A Divindade Tripla e suas representações

Como apontado anteriormente, Even-Zohar propõe que o polissistema literário é composto por diversos sistemas, que podem variar em paradigma. Cada um desses sistemas possui seu centro e sua periferia. Como a presente pesquisa teve, como etapa inicial, o levantamento diacrônico de representações personificadas do destino em textos de ampla circulação, entende-se que se tratam de textos em posições centrais em seus respectivos sistemas. Partindo dessa lógica, o texto de referência, escolhido como ponto inicial da investigação foi representação das Moiras conforme descritas por Hesíodo em *Teogonia*. Embora sejam raras as descrições pontuais sobre a aparência das Moiras, Cloto, Láquesis e Átropos, e mesmo dentro de *Teogonia* haja certas divergências, a inespecificidade da descrição física parece reforçar a idéia de que tratam-se de personagens “normais”, provavelmente desprovidas de grande beleza, mas também igualmente desprovidas de traços grotescos, assustadores ou doentios que as tornassem particularmente peculiares. Quanto à caracterização psicológica por parte de Hesíodo, no entanto, observam-se trechos que registram o tom de imparcialidade das divindades perante a humanidade.

“As Moiras, (Moirae, Fates), as quais Zeus dos conselhos deu a mais alta posição: elas são Klotho (Cloto), Lakheis (Láquesis) e Atropos (Átropos): elas distribuem aos mortais o que terão, **para o bem e para o mal.**” (HESÍODO, p. 33. 2008)

Percebe-se, então, que, embora as Moiras distribuam a porção de destino aos mortais, isso é feito para bem e para o mal, dando uma idéia de equilíbrio e não intervenção subjetiva. Ao longo da *Teogonia* teremos diversas repetições de tal trecho que aponta que as Moiras distribuem o bem e o mal, quase como se fora um epíteto do trio.

No que concerne à representação visual das Moiras, utilizamos como texto de referência o relevo “Prometeus cria o Homem”, parte do relevo de um sarcófago romano de cerca de 240 a.C., atualmente no Louvre. Aqui, temos representadas Átropos, Láquesis e Cloto vestidas com túnicas, como os outros deuses, e não destoando em seus atributos físicos das demais figuras representadas, como, por exemplo, Ártemis.



Figura 1 - “Prometeus cria o Homem”, autor desconhecido. Fonte: do Autor. Paris 2013.

Na figura 1, vemos destacadas as figuras das Moiras, e percebe-se facilmente que não há traços grotescos, doentios ou mesmo lúgubres nessa representação.

Ainda no campo da escultura, porém em um salto para o século XV, encontramos como representação visual canônica uma estatueta de Átropos.



Figura 2 – “Atropos” de Antico . Fonte: do Autor. Londres, 2013.

Original de Mantua, Itália, a estatueta da figura 2, *Atropos* encontra-se, atualmente, no museu Victoria & Albert, museu britânico de artes decorativas. Confeccionada em bronze por Antico (Pier Jacopo di Antonio Alari-Bonacolsi), a estatueta segue os princípios estilísticos clássicos de representação do belo, e não do grotesco.

Por fim, uma terceira representação antropomórfica do Destino nas artes visuais foi adicionada a nosso mapeamento diacrônico: a tapeçaria *The Three Fates* ou *The Triumph of Death*, também encontrada no museu Victoria & Albert vista na figura 3.



Figura 3 - “The Three Fates” ou “The Triumph of Death”. Fonte: do Autor. Londres, 2013.

Confeccionada em lã e seda no sul da Holanda no início do século XVI, a tapeçaria traz Átropos, Láquesis e Cloto numa roupagem medieval. Novamente, observa-se que a representação das Moiras é bela, cada uma das divindades sendo identificada por instrumentos associados às suas funções: Cloto fia, Láquesis mede e Atropos corta o fio da vida.

Temos então, com base nas três figuras aqui trazidas, associadas à tradição teogônica, a representação canônica das Moiras como imparciais, sem qualquer traço que indique subjetividade ou interferência na atribuição do destino dos humanos ou em seu desenrolar. Percebe-se, também, que em tais representações não há traços plásticos que associem a divindade tripla a qualquer aspecto sinistro ou disforme. A partir desse levantamento diacrônico, portanto, chegamos à seguinte sistematização: até meados do século XVII verificou-se a configuração da representação antropomórfica do Destino no Polissistema Cultural Ocidental:

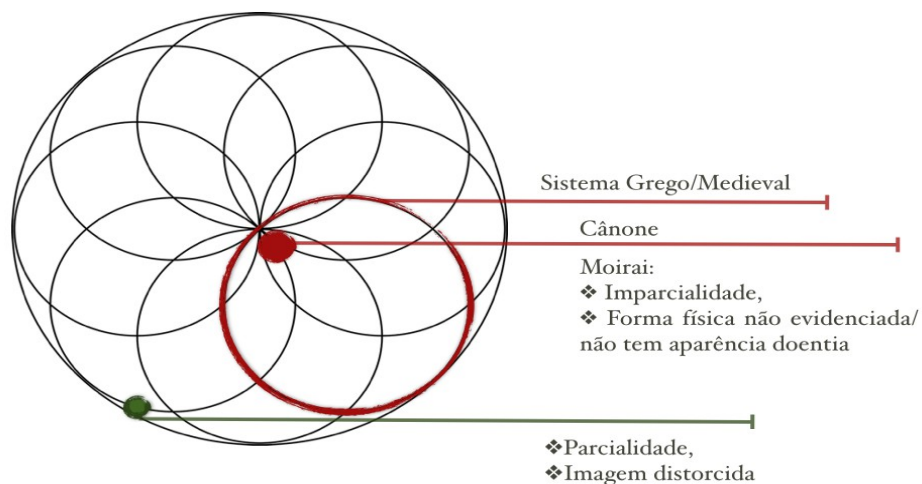


Figura 4 - Gráfico do Polissistema Cultural Ocidental até meados do século XVII. Fonte: do Autor. Porto Alegre 2014.

Nessa representação gráfica do polissistema literário e cultural europeu até meados do século XVII alocamos como centrais (canônicas) as caracterizações das Moiras como imparciais e belas, ou, minimamente, sem atributos físicos destoantes e dignos de nota. Considerando as limitações desta pesquisa, é importante salientar que é absolutamente plausível que se encontrem representações das Moiras como parciais ou grotescas mesmo anteriormente a meados do século XVII. No entanto, tais caracterizações estariam na periferia do polissistema cultural ocidental, ocorrendo em textos menos conhecidos, de menor circulação, penetração e influência e, conseqüentemente, de difícil acesso para uma pesquisa diacrônica,.

Shakespeare e as Three Witches

Em *Macbeth* de Shakespeare (1623), temos a representação de três bruxas associadas ao destino de Macbeth, Banquo e outros personagens da peça. Sanders (2006) aponta que na era de Shakespeare, imitação era aprendida e praticada em escolas e continuada na carreira de escritor, mesmo quando já renomado. Shakespeare praticava ativamente diversas formas de adaptação e apropriação em seus textos, principalmente usando mitos, contos de fada e folclore. Bullough (1975) aponta como fonte para as Three Witches de *Macbeth*, *Medea* de Seneca “uma Hecate Tripla [...]” (BOULLOUGH, 1975, p. tradução

nossa). invocada para alterar o destino. Hecate está estritamente associada as Moiras, pois embora não sendo explicitamente ligada ao termo Destino, estava à fortuna.

As *Three Witches* de Shakespeare, chamadas também de *Weird Sisters* nas edições modernas de *Macbeth*, possuem um caráter macabro encenadas em figurinos grotescos no teatro e representadas como figuras deformadas no cinema. O tom de parcialidade, ao interferirem diretamente na vida de *Macbeth*, mesmo que através de previsões vagas, as tiram completamente da tradição prévia. Ainda, no trecho a seguir, vemos claramente não apenas a parcialidade, mas também o caráter maléfico, a tendência a rogar o azar e a má aventura (substituir) aos humanos.

“Primeira Bruxa- Por minha conta, tenho todos os outros e mesmo os portos por onde eles sobram, todos os quadrantes que eles visitam e que constam da carta dos marinheiros. Farei com que ele seque aos pouquinhos, até transformá-lo numa palha. O sono, nem de noite nem de dia, cairá sobre suas pálpebras. Viverá ele como homem amaldiçoado. Sofrerá de fadiga sete noites por semana, oitenta e uma semanas, quando então emagrecerá, definhará, consumir-se-á. Embora não seja possível fazer seu navio extraviar-se, posso sacudi-lo com tempestades. Olhem o que trago comigo.

Segunda Bruxa- Me mostra! Me mostra!

Primeira Bruxa- Aqui tenho o polegar de um marinheiro, piloto de embarcação naufragada em sua rota de volta para casa. [...]” (Shakespeare, 2008, p. 772)

Estes apontamentos unem de forma indissociável a imagem das *Three Witches* no emaranhado intertextual das *Three Fates*, *Moiras*, *Divindade Tripla* etc. Ao relacionar esses dados com o mapeamento feito previamente, é possível ver que por volta – e posteriormente, a *Macbeth* houve a mudança no repertório de representação das *Moiras*, coincidindo com a mudança proposta em *Macbeth*.

Através do mapeamento foi constatado que em meados do século XVII houve uma mudança nas representações das *Moiras* e das representações do Destino. O tom de imparcialidade quanto a humanidade torna-se uma característica rara, assim como o caráter grotesco torna-se quase que essencial nas representações visuais. Temos ainda uma mistura de arquétipos, quando *Moiras* e bruxas mesclam-se em certas representações. A seguir temos uma imagem onde é possível compreender mais facilmente essa mudança de repertório canônico através do deslocamento das representações como imparciais para a periferia do Polissistema e das representações Parciais para o centro.

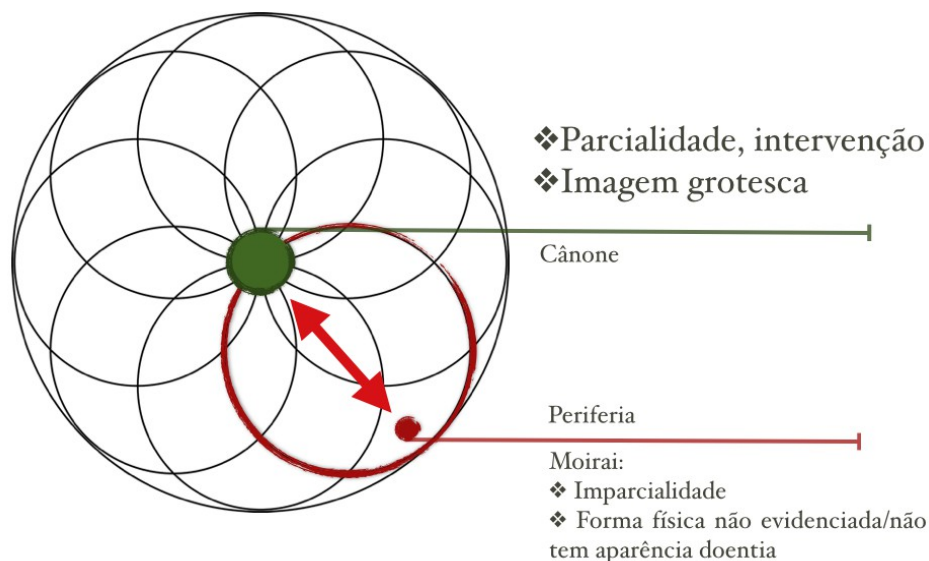


Figura 5 – Gráfico após meados do século XVII. Fonte: do Autor. Porto Alegre 2014.

Embora essa mudança vista acima pareça radical, vale lembrar que Zohar (2010) aponta que são essenciais para os sistemas, pois sem elas os sistemas se cristalizam e morrem.

Na figura 6, a seguir, temos diversas representações gráficas das Three Fates (Moiras, essencialmente).

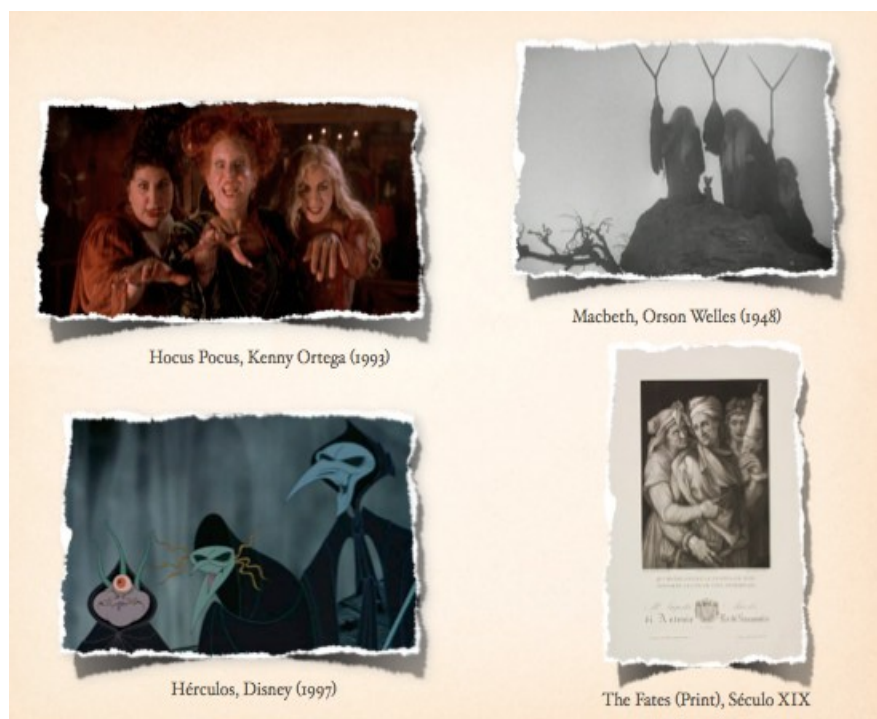


Figura 6 – Imagens de representações do Destino. Fonte: do Autor. Porto Alegre 2014.

No sentido horário, partindo da imagem de Macbeth de Orson Welles (1948), vemos a representação das Three Witches, velhas e barbudas com uma risada estridente; em seguida temos uma gravura do século XIX, onde a representação das The Fates é feita através de velhas com rostos sulcados e cadavérico; a terceira imagem é do filme Hércules da Disney (1997), explicitamente as Moiras, no entanto atigem a forma mais distorcida encontrada neste estudo: possuem apenas um olho, o qual dividem entre si, pele de tom azul acinzentado, lembrando em decomposição, apenas alguns fios de cabelo e vestem túnicas pretas; por último, a imagem de Hocus Pocus (1993), onde embora se trate mais explicitamente de uma adaptação das Three Witches Macbethianas, a relação delas com as Moiras se estabelece a partir da relação das Three Witches, reforçando o arquétipo de intervenção maligna no destino dos humanos e uma aparência grotesca.

Não está sendo apontando na presente pesquisa que a peça Macbeth, sozinha, mudou a representação do destino na cultura ocidental, mas sim que o texto shakespeariano, devido sua presença, como Bloom (1994) aponta, não apenas marcante no cânone ocidental, mas central, o próprio cânone, contribuiu nessa mudança, impactou com sua força literária, catalizando um processo que estava já ocorrendo. As *Three Witches*, como uma adaptação das Moiras, vale lembrar, pode ser melhor apreciada quando há o conhecimento de toda a tradição por trás, e pelo impacto que causou nas representações do destino posteriores, como foi visto na imagem 5.

Considerações Finais

Com um foco na adaptação feita das Wyrd Sisters em Macbeth, a partir do levantamento feito, verificou-se que devido a relevância e centralidade do texto

shakespeariano no cânone literário ocidental, essa representação teatral firma-se, ela própria, como canônica e como corporificação do arquétipo da divindade tripla, emprestando-lhe aspecto sinistro em detrimento das representações plásticas clássicas, as quais não exploravam tal viés.

Percebe-se, ainda, que Shakespeare, e adaptações posteriores a ele, revestem o arquétipo de um tom de parcialidade quanto à humanidade, diferentemente da imparcialidade verificada nas Moiras. Esse longo processo adaptativo seria, posteriormente, transposto ao cinema, quando se consolida a representação visual do arquétipo em associação com a imagem de bruxas. Assim a adaptação shakespeariana age como um catalizador em uma mudança no polissistema cultural, partindo do teatro em um movimento centrífugo para toda a cultura ocidental.

Referencias

- BENJAMIN, Walter. **The Task of the Translator**. In: *Illuminations*. Fontana/Collins, 1970.
- BLOOM, Harold. **The Western Canon: the books and school of the ages**. Florida: Harcourt, 1994.
- DE GRAZIA, Margreta; WELLS, Stanley. **The New Cambridge Companion to Shakespeare**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. **Papers in Culture Research**. Tel Aviv: Unit of Culture Research, Tel Aviv University, 2010.
- HESIOD. **Theogony: works and days**. Oxford/NY: Oxford University Press, 2008.
- HUTCHEON, L. **A Theory of Adaptation**. New York: Routledge, 2006. SANDERS, J. **Adaptation and Apropriation**. London/NY: Routledge, 2006.
- JENKINS, H. **Convergence Culture – Where Old and New Media Collide**. New York: New York University Press, 2006.
- SHAKESPEARE, William. **Shakespeare: the complete works**. London: CRW, 2009.
- SMITH, Emma. **The Cambridge Introduction to Shakespeare**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- STEINER, George. **After Babel**. England: Oxford University Press, 1975.